



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

MANOELA FEIO SILVA PAIVA

**UMA JORNADA DE IDENTIFICAÇÃO PATRIMONIAL COM
CRIANÇAS E BRINCADEIRAS: O CASO DAS COMUNIDADES DE
POÇAS E SIRIBINHA**

Salvador

2023

MANOELA FEIO SILVA PAIVA

**UMA JORNADA DE IDENTIFICAÇÃO PATRIMONIAL COM
CRIANÇAS E BRINCADEIRAS: O CASO DAS COMUNIDADES DE
POÇAS E SIRIBINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Museologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sidélia Santos Teixeira

Salvador

2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Colegiado de Museologia

Rua Aristides Novis, 197, Federação, Salvador/Bahia, CEP 40.210-730,
Tel (71) 3283-6445 E-mail: colegiadomuseologia@ufba.br



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA

Ata da Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Uma jornada de identificação patrimonial - crianças e brincadeiras: O caso das comunidades de Poças e Siribinha* da discente do Curso de Museologia Manoela Feio Silva Paiva, matrícula nº 218124501, realizada no dia sete (07) de dezembro de dois mil e vinte e três (2023), às quatorze e trinta (14h30), no Laboratório de Museologia FFCH-UFBA, tendo os seguintes examinadores: Profa. Dra. Sidélia Santos Teixeira (Departamento de Museologia, UFBA/Orientadora), Profa. Dra. Maria das Graças de Souza Teixeira (Departamento de Museologia, UFBA) e Ms. Juliana de Oliveira Fonseca (Doutoranda do Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA). A presidente da banca examinadora Profa. Dra. Sidélia Santos Teixeira abriu a sessão, passando a palavra à estudante Manoela Feio Silva Paiva que fez a exposição de seu trabalho no tempo previsto. A banca examinadora apresentou suas considerações e sugestões sobre o trabalho de conclusão. Em seguida, a estudante respondeu aos comentários da banca. Por fim, a banca examinadora se reuniu, reservadamente, para proceder à atribuição de nota. Ao final, a estudante obteve a aprovação, com a nota final 9,0. Ficando acordado a necessidade de revisão antes da entrega final da monografia no repositório da UFBA. A presidente da banca, Profa. Dra. Sidélia Santos Teixeira agradeceu aos presentes e finalizou a sessão de defesa do trabalho de conclusão. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente da banca, lavrei a presente ata que após lida e aprovada, será ratificada pelos presentes.

Documento assinado digitalmente
gov.br SIDÉLIA SANTOS TEIXEIRA
Data: 08/12/2023 15:24:56-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Profa. Dra. Sidélia Santos Teixeira (Departamento de Museologia, UFBA/Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA DAS GRACAS DE SOUZA TEIXEIRA
Data: 15/12/2023 13:03:56-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Profa. Dra. Maria das Graças de Souza Teixeira (Departamento de Museologia, UFBA)

Juliana de Oliveira Fonseca (Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA)

Manoela Feio Silva Paiva (discente)

AGRADECIMENTOS

Eu não sabia que ao vir para Bahia, “para estudar”, acabaria por entender tantos fragmentos de mim que precisava recolher e reestruturar. As mudanças que sofri aqui não foram fáceis de aceitar, por diversas vezes me neguei, pensei que não era pra mim e quis desistir mas o fato é que aqui se consolidou como meu lar. Foi onde fiz amizades que pareciam ter sido feitas em outras vidas, eu simplesmente precisava percorrer esses 1960 quilômetros para encontrá-las, e por mais que os tempos acadêmicos tenham sido difíceis foram também essenciais para me transformarem. Creio que faltariam linhas para colocar *todes* que estiveram comigo nessa jornada. Agradeço a minha turma de 2018, sem vocês eu não seria quem sou hoje, meu existir é fruto do que construí com vocês.

Agradeço a minha querida amiga Mariana Moura, que tanto me ensinou e me ensina com as ideias mais malucas e possíveis de realizar ao mesmo tempo e que é minha companheira em tudo que eu quero fazer, esse projeto não seria possível sem você minha irmã. Inah Irenam com quem aprendi que o mínimo que eu posso fazer na minha vida é aguentar o peso das minhas próprias pernas e fazer disso algo leve para caminhar ou até mesmo, quem sabe, dançar. Meu primeiro amigo de turma, Wesley Rodrigues, que chegou uma semana depois de mim na UFBA e estava tão perdido quanto eu, mas que juntos nos achamos. Emily Almeida, que apesar dos surtos que a vida acadêmica nos trouxe sempre foi uma pessoa que me confortava; Andressa Batista que me impressiona até hoje com toda sua potência. Agradeço também ao Valério e Fábio pelos diversos conselhos; às minhas amigas Joice, Ananda e Dálete que não chegaram até o fim dessa jornada museológica mas que permanecem comigo até hoje. A Rosa, Anthea, Grace e Maria Lorena que, apesar de não serem da minha turma, estiveram presentes na minha trajetória contribuindo para que eu saísse de tudo isso uma pessoa melhor.

Aos meus queridos professores que tantas coisas me passaram e que eu precisaria de umas três vidas para retribuir tanto, Joseania Freitas, Marcelo Cunha, Maria das Graças e minha orientadora Sidélia Teixeira que abriu os caminhos para que eu pudesse trabalhar com o que eu gosto.

A toda equipe do Museu Eugênio Teixeira Leal, onde estagiei por um ano e em especial para Marcela Marchi, responsável pelo setor de documentação e pesquisa e minha mentora na prática da documentação museológica.

As pessoas das comunidades do Estuário do Itapicuru, obrigada por terem me recebido com tanto amor e cuidado, Gleide, Dona Patrícia, Ceudes, Valzinha, Jubinha, Cátia, Erica, Fabiana, Deise, Vitor e tantas outras.

Aos meus amigos e amigas de Ilhabela/ SP, por terem me apresentado as belezas do mar e o nobre ofício da pesca artesanal, um agradecimento especial a pescadora Lúcia, amiga de décadas que me ensinou muito e ao Roni e sua contribuição nas discussões sobre as canoas.

Meus colegas de trabalho que se tornaram amigos pessoais, Juliana Fonseca, me apresentou a comunidade *das Poças* e me ensinou tudo que ela já havia aprendido sem egoísmo nenhum e com muita vontade. Gabriela De La Rosa que fez o mesmo comigo só que em Siribinha. Beá, Nina, Adriana, Esther, Taiala, Lucy, Ney, Glauber, Jéssica, Thais, obrigada por tornarem o nosso cotidiano algo magnífico. Ao professor Charbel El-Hani e sua paixão pela inter e transdisciplinaridade que faz com que a gente acredite que para conhecer não existem barreiras.

Agradeço meu grande amor, a minha mãe, que acredita mais em mim que eu mesma... E ao meu pai que sempre esteve torcendo por mim. Ao meu companheiro Renato por toda paciência, cuidado e por não desistir de nós mesmo nas dificuldades. Minha irmã Ana Clara, sua existência me motiva a ser melhor. Meus irmãos de coração Pablo e Washington. Minha priminha Helena, que foi a primeira pessoa da família a fazer com que eu entendesse meu potencial e que bastava eu conseguir ver isso também para conquistar tudo que eu quisesse e sua mãe Tatiana que me apoia mesmo de longe.

Ao meu primo Dimitri, meu fã número um, que faz com que eu me sinta especial. À minha prima Aysha, que sempre esteve ali para escutar meus desabafos e me fazer acreditar que algo bom estava por vir. À minha tia Neusa que

apesar das críticas sempre estive do meu lado. À Fabiana e à tia Denise vocês são meu pedacinho de aconchego.

E por último mas não menos importante, quero agradecer aos que já partiram mas estão presentes na minha memória, e mesmo em uma passagem breve, marcaram seus lugares na minha trajetória, minhas queridas avós e avôs, tio Du, tia Angela, tio Rafael e tia Marina, jamais esquecerei de vocês. Dois dias após a apresentação deste trabalho, em 09/12/2023 Dona Patrícia nos deixou aqui cheio de saudades de seu bom humor.

RESUMO

O projeto visa analisar as atividades realizadas no município de Conde, Bahia, Brasil, durante o feriado do Dia das Crianças em 2022. Nesse período, foram propostas brincadeiras, com ênfase na temática de memória e patrimônio, desenvolvidas no âmbito da museologia. As brincadeiras foram conduzidas em duas ocasiões diferentes: uma delas ocorreu na Escola Municipal Brasileira Eugênia de Oliveira, na comunidade *das Poças*, e a outra foi uma atividade ao ar livre em Siribinha. A iniciativa surgiu a partir dos resultados de um questionário aplicado na escola, que apontou a preferência dos participantes por jogos e brincadeiras como meios de diálogo. As atividades no estuário se iniciaram em decorrência da vontade por parte de moradores de estabelecer meios que possibilitassem a preservação do patrimônio e cultura local. A preocupação de parte dos moradores decorre da percepção de que as gerações mais jovens estão menos envolvidas com as práticas culturais da região, especialmente as relacionadas à pesca artesanal. Há uma preferência dos mais jovens em realizar atividades econômicas voltadas para o turismo, o que, na visão de alguns, pode prejudicar as práticas e ofícios transmitidas ao longo das gerações.

Palavras-chave: Brincadeiras; Patrimônio; Preservação; Interdisciplinaridade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Canoas de voga falsas.....	15
Figura 2: Localização do município de Conde/BA.....	24
Figura 3: Praia das Poças.....	25
Figuras 4 e 5: Fábrica de gelo.....	28
Figura 6: Boca da Barra.....	29
Figura 7: Covo entre as pernadas.....	32
Figura 8: Quebrando aratu na casa de Valdelice (mãe de Valzinha).....	34
Figura 9: Área central de Siribinha (tirada por Fabiana Santos); verso do jogo da memória; formação de poças na praia das Poças e o Cavallo Russo.....	41
Figura 10: Barco com covos; verso do jogo da memória; Cajueirinho e praia de Siribinha.....	41
Figura 11: Memória do Conde.....	43
Figura 12: Início da brincadeira.....	44
Figura 13: Crianças correndo em direção ao porto para achar outra pista....	45
Figura 14: Crianças reunidas no porto para leitura de pista.....	46
Figura 15: Pista do Covo.....	46
Figura 16: Pista do Vara.....	47
Figura 17: Tesouro de baiacu.....	49
Figuras 18 e 19: Expressões artísticas das crianças.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Resultado sobre atividades de interesse..... 38
- Gráfico 2:** Assuntos que os participantes consideram de maior relevância.. 39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O TERRITÓRIO.....	24
2.1 O MANGUE.....	29
2.2 O MAR.....	34
3. BRINCADEIRAS.....	37
3.1 MEMÓRIA DO CONDE.....	40
3.2 CAÇA AO PATRIMÔNIO.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXO I - QUESTIONÁRIO.....	56
ANEXO II - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da minha experiência nos campos da pesquisa e extensão durante o curso de graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foram dois projetos: o primeiro, de extensão - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária (PIBIEX 2019/2020) e segundo, de iniciação científica - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2021/2022). Esses projetos, em particular, o PIBIC, tinha por finalidade trabalhar, em conjunto, com as comunidades pesqueiras no município de Conde, BA. A fim de apoiar a pesquisa museológica desenvolvida pela docente - Sidélia Santos Teixeira, do Departamento de Museologia, que foi solicitada pela equipe do “Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução (INCT IN-TREE)” do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, em função de uma demanda comunitária em prol da preservação da memória e patrimônio local. A equipe de pesquisadores vinculados ao INCT IN-TREE atua no Estuário do Itapicuru, desde o ano de 2016.

Minha jornada na museologia teve início no ano de 2018, quando me mudei de Ilhabela, São Paulo para Salvador, Bahia, após receber o resultado da minha aprovação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cresci em Ilhabela, um arquipélago localizado no litoral norte de São Paulo, a quatro horas da capital do Estado e a duas horas da cidade onde nasci, São José dos Campos, SP.

Quem nasce no município de Ilhabela é chamado de caiçara¹. A maioria dos caiçaras são herdeiros do patrimônio cultural de povos indígenas² que

¹ “[...] são grupos de pessoas que desenvolveram sua cultura na faixa litorânea compreendida entre o norte do estado de Santa Catarina e sul do Rio de Janeiro, como aponta Diegues (2004, p.9), oriundos da miscigenação de portugueses, indígenas e negros” (DIEGUES apud LIMA, 2015, p. 19-20).

² “No Brasil, há inúmeras nações indígenas. A partir do processo de colonização, os índios foram gradativamente sendo exterminados de nosso litoral, deixando heranças que ainda hoje se perpetuam. Os caiçaras são um exemplo vivo desta combinação índio/colono, terra/mar - que se estabeleceu nos costões rochosos, restingas, mangues e encostas da Mata Atlântica” (ICMBio, [s.d]).

habitavam o litoral paulista e desenvolviam práticas pesqueiras passadas de geração em geração. A pesca sempre me chamou atenção e despertava minha curiosidade. Lembro até hoje da ocasião que aprendi a pescar lula³ com meus colegas de infância e adolescência. Nós pegávamos uma lata (geralmente de achocolatado) e “bolava”⁴ uma linha com anzol para brincar de pescar.

Também me recordo da primeira vez que vi uma tartaruga marinha no píer da Vila⁵ e de uma raia que ficou presa na rede de um pescador amigo de um tio. Chamou-nos a atenção, o fato de que a raia não era o tipo de pescado desejado e ele, com paciência, retirou-a da rede de pesca e devolveu-a ao mar.

O mar de Ilhabela é rico, possui uma variedade exorbitante de animais marinhos⁶. Assim, foi em Ilhabela que aprendi e desenvolvi minha admiração e respeito pelo mar e por tudo que ele proporciona para as pessoas, ou seja, a produção de alimentos frescos, o trabalho e o desenvolvimento de atividades de lazer. Apesar dos benefícios, quem mora próximo ao mar também deve se adaptar às limitações que ele pode trazer, principalmente em Ilhabela, pois quando ele decide “virar”⁷, ocorre a influência direta no transporte da ilha ao continente, dificultando-o e até mesmo impedindo-o.

Durante minha estadia em Ilhabela, presenciei muitas situações de agressão ao ecossistema local e que modificaram esse território. Muitas dessas ações provocaram danos irreparáveis ao espaço. Por exemplo, quando cheguei em Ilhabela, recordo que a praia próxima a balsa⁸, parecia um mangue, com solo lamacento cheio de vegetação, que, praticamente, não existe mais atualmente, A lama se modificou de tal forma que mais parece areia comum hoje em dia.

³ Trata-se de um fruto do mar, com características de defesa semelhantes a do polvo, ou seja expelem tinta e é muito consumido no litoral norte paulista.

⁴ Português informal que significa enrolar.

⁵ A expressão “Vila”, nesse caso, se refere ao centro histórico da cidade.

⁶ “[...] diversidade biológica, além da presença de espécies de tartarugas marinhas, a área também abriga peixes, aves, cetáceos e invertebrados marinhos, muitos dos quais estão ameaçados de extinção e que utilizam a área para alimentação, descanso, reprodução ou mesmo passagem” (BONDIOLI, 2017, p.165-166).

⁷ Linguagem informal, “virar” é quando o mar fica revolto e afeta diretamente o transporte feito por balsas no canal de Ilhabela.

⁸ Balsa é um tipo de embarcação que faz o transporte da ilha para o continente, na Bahia é conhecido por Ferryboat.

Devido à proximidade do arquipélago com a capital paulista, Ilhabela é uma região de turismo, principalmente para os moradores da cidade de São Paulo. Nas épocas de temporada ou de alta estação, adentram também alguns problemas da cidade grande. A primeira mudança na rotina é verificada no trânsito que vai de norte a sul da ilha. A vida dos moradores a partir da chegada dos turistas passa a girar em função deles. Isso se verifica principalmente, por parte dos mais jovens que necessitam trabalhar para arrecadar alguma renda, em bares, restaurantes, passeios, baladas, etc.

Sendo assim, muitas vezes somos submetidos a condições degradantes de trabalho, como por exemplo - jornadas exaustivas e péssimos salários. Entretanto, o turismo praticado em Ilhabela é considerado de luxo, conseqüentemente, circula muito dinheiro. O fato é que, os lucros advindos da prática turística não são repassados de maneira digna e justa para os moradores da região.

A partir do momento em que fui inserida no mercado de trabalho passei a desenvolver um pensamento crítico sobre diversas situações que acontecem no município. Nós moradores, passamos de protagonistas do nosso cotidiano para a condição de “figurantes” “do feriado/ fim de semana/ fim de ano/ carnaval perfeito” dos turistas. Somos aquele garçom, garçanete, bartender, guia, segurança, recepcionista, etc, da festa. Eventualmente, podemos até curtir e formar laços com a galera da “pagação”⁹, mas é muito difícil manter qualquer tipo de relação posterior, tanto que há até um ditado popular que fala: “amor de praia não sobe a serra”. Essa expressão sempre pareceu uma sinalização que delimita os limites entre aqueles que moram próximo ao mar e seus visitantes. Portanto, é um amor condicionado e de provável esquecimento.

Essas situações podem ocorrer em função de uma ideia de “progresso” que, muitas vezes, não leva em consideração o bem estar de quem mora na região. Quando eu era criança já existia o turismo, mas não era tão predatório como hoje em dia. Atualmente, parece que Ilhabela tenta se adequar às necessidades dos turistas, sendo que a lógica deveria ser inversa de tal forma

⁹ “Pagação”, português informal, refere-se às pessoas que possuem muito dinheiro para gastar em festas e ainda deseja mostrar isso, através do uso de espaços sofisticados como camarotes e o consumo de produtos caros, como por exemplo, diversos combos de bebida alcoólica, etc.

que o turismo deveria se adequar às necessidades de preservação da região e do bem estar da população.

Até a paisagem de Ilhabela se modificou. No centro histórico, por exemplo, a praça principal abrigava uma canoa confeccionada por caiçaras. Era uma canoa de voga¹⁰. Esta canoa é um símbolo da cultura caiçara, porém em uma determinada gestão da Prefeitura, a paisagem do local foi reformulada e a canoa retirada. Em seu lugar, foi instalado uma fonte que jorra água do chão, numa escala bem menor, parecia que queria simular as fontes do Bellagio em Las Vegas, dava a impressão que o objetivo era incorporar uma paisagem mais moderna e a preservação da cultura caiçara não comunicava efetivamente essa intenção das autoridades públicas.

Anos mais tarde, trabalhando em um restaurante conceituado da cidade percebi que, na praia, ao lado, estavam dispostas canoas de voga, similares a que compunha a paisagem do centro da cidade. Perguntei a um amigo meu de quem era, e ele me disse que, na verdade, não eram de caiçaras e, sim, do proprietário de uma pousada. Esse empresário, insatisfeito com a presença de pescadores que tratavam peixes ao lado do seu negócio, decidiu colocar 12 cópias de canoas de voga para interditar a área. Isto é, não se tratava de uma homenagem à cultura caiçara, mas sim de um ato violento para com os pescadores da região, limitando seu território. Essa prática sugere que algo aparentemente benevolente pode, na verdade, estar relacionado a intenções questionáveis por parte dos empresários.

Nesse contexto, operam contradições, pois geralmente estes locais (bares, restaurantes e pousadas), servem os pescados e frutos do mar provenientes da força de trabalho dos pescadores, aqueles mesmos que tiveram seu local de trabalho limitado.

Os restaurantes de maneira geral, colocam em seu cardápio, produtos do mar, como protagonistas dos pratos, muitas vezes, são vendidos como

¹⁰ “A canoa-de-voga “Vencedora”, tem cerca de 11 metros de comprimento e escavada em um tronco de Jequitibá. A “Vencedora” foi doada para a Prefeitura de Ilhabela pela Caiçara de origem nipônica Renato Kengo Imakawa, que a herdou de seu avô, Bungoro Naka. O avô de Renato havia comprado a canoa de um homem chamado Ernesto Tagé, um dos últimos senhores de engenho da ilha, proprietário do antigo engenho de aguardente da Praia do Jabaquara” (TUDO EM ILHABELA, 2022).

“experiências” gastronômicas, uma conexão do ser humano com o mar e suas “iguarias”¹¹, mas na contramão de toda essa poética, existe uma desvalorização do trabalho daqueles que viabilizam a oferta de tais produtos, ou seja, ocorre uma apropriação abusiva do do território.

No dia 16/09/2023, após quase 10 anos de ocupação e muita luta por parte da população, as canoas foram finalmente retiradas do local, pois já estavam danificadas em decorrência da falta de manutenção, além de interditarem a praia. Essa medida foi apresentada em um canal de notícias do litoral norte de São Paulo no Instagram:

Figura 1: Canoas de voga falsas



Fonte: Instagram @prontofalei_litoral.

¹¹ Para quem mora próximo do mar, nada mais são que produtos que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Diante do contexto apresentado, fica evidente que a questão da falta de preservação do patrimônio natural e cultural nas comunidades pesqueiras, os ataques que ocorrem por conta de atividades turísticas mal planejadas, ficou registrado na minha memória desde a minha infância. Por isso, ao trabalhar com as crianças do estuário, dialogar sobre essas questões se tornou um objetivo para mim, pois foi algo que esteve presente na minha trajetória de vida. Desta forma, encontrei na ciência uma maneira de analisar e compreender essa temática, além de constatar a possibilidade de lutar e denunciar os abusos cometidos com essas populações.

Em 2018, nas primeiras aulas do curso de Museologia, ainda não imaginava que ao me tornar discente da UFBA iria me aproximar dessas questões que permearam a minha história. Na primeira aula do curso, na disciplina “*FCHG23 Museologia*”, ministrada pela professora Dra. Sidélia Teixeira, discutimos o que era patrimônio histórico e cultural, na perspectiva da Nova Museologia, foi também quando ouvi falar pela primeira vez no termo: “Museologia Social”, área que logo me identifiquei e fez parte da minha graduação.

A Museologia Social é uma área que vai além dos objetos e da instituição museu, que considera o patrimônio cultural em seus diversos suportes, sejam eles de origem material e imaterial, trabalhando diretamente com a relação entre o ser humano, objeto e território. Nesse sentido Waldisa Rússio descreve o “fato museal” como objeto da museologia (CARVALHO, 2011). Portanto, ao realizar atividades no Estuário do rio Itapicuru, dedicamo-nos a essas preocupações e adotamos os fundamentos da museologia social.

Como dito anteriormente, a aproximação de pesquisadores da UFBA com as comunidades do Estuário do Itapicuru iniciou-se em 2016, com o projeto do Professor Dr. Charbel El-Hani (coordenador do Laboratório de Ensino, Filosofia e História da Biologia/ LEFHBio) intitulado: “*Diálogos entre sistemas de conhecimento na prática escolar*”. Durante o exercício da equipe do professor, em campo, foi identificada a demanda pela criação de um museu, abrindo possibilidades para o início de trabalhos museológicos, na região, no ano de 2018.

Em 2019, a professora conseguiu uma bolsa para estudantes atuarem na região do Estuário do Itapicuru e eu fui selecionada. Então, iniciei a minha jornada como pesquisadora, acompanhando e aprendendo com a professora, os pesquisadores do grupo de pesquisa inter e transdisciplinar e, sobretudo, com os moradores da região. No decorrer do período como bolsista, foi possível ouvir diversas pessoas que moram no local sobre o mar, o mangue, a pesca artesanal e as histórias das comunidades.

Tornou-se uma experiência fundamental para minha evolução como ser humano e pesquisadora, pois me proporcionou uma vivência mais ampla sobre as relações entre comunidade e patrimônio. Com o objetivo de ampliar nossa compreensão em relação a demanda de preservação da memória e patrimônio local, desenvolvemos um questionário para ser aplicado na escola “Brazilina Eugênia de Oliveira”. Por intermédio desta ferramenta poderíamos também compreender de que forma seria melhor estabelecer diálogos sobre a temática dos bens culturais na região.

O questionário apontou uma preferência em dialogar sobre o patrimônio cultural por meio de jogos e brincadeiras. Assim, aproveitando o feriado do Dia das Crianças, foram elaboradas brincadeiras com tais temáticas, a fim de iniciar um diálogo, principalmente, com as crianças, grupo com o qual tivemos boa aproximação, desde o início da nossa atuação em campo.

O presente trabalho compreende a apresentação dos dados coletados no Estuário, visando analisar as observações que fizemos sobre as referências patrimoniais, principalmente, a partir do olhar das crianças. Com efeito, as crianças estiveram presentes e ativamente envolvidas em nossas atividades no Estuário. E nós, reconhecendo a importância da participação delas como agentes no processo de identificação de suas referências patrimoniais, idealizamos a inserção de brincadeiras como suporte para a abordagem de temáticas relacionadas à memória e patrimônio.

Desta forma, em diferentes ocasiões, propusemos algumas atividades com as crianças, como por exemplo, o dia em que Juliana Fonseca nos apresentou para um grupo de crianças que estavam brincando na praça e pediu para que

elas nos mostrassem a comunidade *das Poças*, os lugares que mais gostavam. Diretamente elas nos conduziram para o rio, pois disseram que gostavam de tomar banho lá. E foi o que fizeram, assim que chegamos mesmo uma comentando que a mãe da outra ficaria brava por elas entrarem na água aquele horário, entraram. Brincaram, nos ensinaram a jogar pedras de forma que quicasse na água e também fizeram castelo de areia às margens do rio. Em meio a conversas sobre as Poças, uma das crianças nos perguntou se já havíamos provado “coco maçã”.

A maioria de nós não havia experimentado, inconformadas, decidiram então, nos envolver em uma “saga em busca do coco maçã”¹². Essa saga nos levou a conhecer pontos específicos que as crianças, nos apresentaram, como o banco em que a avó trata a moreia¹³, as casas dos parentes próximos. Sinalizaram também a quem pertenciam os coqueiros e os animais que vimos ao longo do caminho. Durante o passeio diversas referências patrimoniais importantes para elas, foram apontadas, tendo em vista que o patrimônio:

[...] forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (IPHAN, 2016, p.7).

Foi nesse momento que percebi que gostaria de fazer atividades com a participação de crianças, pois as crianças constroem narrativas de maneira singular e explicam o patrimônio, sem precisarem entender o conceito da palavra ou até mesmo ler teorias sobre o assunto, empiricamente compreendem, já que é algo indissociável de suas vidas. Revistando as entrevistas realizadas pela professora, percebi que também há uma preocupação por parte dos mais velhos das gerações mais novas perderem o interesse pela cultura local, portanto, pareceu relevante engajá-las nesse processo, pois são as crianças que vão perpetuar o legado deixado pelas gerações passadas.

¹² Apelidamos como “saga do coco maçã” o dia em que em conjunto com as crianças buscamos cocos que estavam por germinar pois esses cocos possuem uma maçã dentro, muito saborosa que nunca tínhamos experimentado e elas inconformadas, foram atrás dos cocos para nos apresentar.

¹³ Peixe pequeno que se esconde na lama do mangue, normalmente consumido após a secagem ao sol.

A iniciativa de desenvolvimento de um trabalho de identificação patrimonial pode contribuir para a construção de um inventário participativo sobre os bens culturais das comunidades de Poças e Siribinha, tendo em vista que o objetivo de se inventariar de maneira participativa é:

[...] é construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas. Sem a pretensão, contudo, de formalizar reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação. [...] é fazer com que diferentes grupos e diferentes gerações se conheçam e compreendam melhor uns aos outros, promovendo o respeito pela diferença e o reconhecimento da importância da pluralidade (IPHAN, 2016, p.9).

Estimulando assim, a realização de ações de preservação no campo do patrimônio da região e, quem sabe, talvez para a construção de um museu, pois como afirma Teixeira (2023, p. 247):

A 'invenção' do museu do pescador e da marisqueira surge, principalmente, a partir do desejo de revelar o tempo comunitário, ou seja, o tempo dos antigos, do receio da 'perda' da memória, em torno desse passado, pela morte dos mais velhos, e da necessidade de proteção do patrimônio natural e cultural. Alguns moradores comentam a fragilização dos laços comunitários e a prática de atitudes mais individualistas por parte da população local.

Para viabilizar este estudo realizamos uma revisão de literatura relativa a patrimônio, inventários participativos e pesquisa-ação. Visto que: “[...] a pesquisa-ação interliga as práticas educativas às pessoas e ao território em que está inserido” (CASTRO, 2022, p. 5).

Também adotamos a observação participante, cujos registros foram feitos no nosso caderno de campo e utilizamos as entrevistas que foram realizadas pela profa. Sidélia, muitas por nós acompanhadas a sua realização. Com o objetivo de reunir dados quantitativos aplicamos um questionário nas escolas como sinalizado anteriormente.

A escolha de iniciarmos uma consulta pública a partir das escolas foi em decorrência de integrantes do projeto (anteriormente a inclusão do grupo de pesquisa relacionado a museologia) terem fomentado uma boa relação com as professoras, a partir do desenvolvimento de uma Comunidade de Práticas (CoP)

como aponta Juliana: “[...] durante o ano de 2017 fomos a Siribinha quase todos os meses e demos continuidade ao desenvolvimento colaborativo de inovações educacionais, que buscaram pôr em diálogo o conhecimento local com o conhecimento escolar” (FONSECA, 2021, p.17). Desta forma nos inserimos nas atividades da CoP e participamos da organização das atividades complementares e em conjunto construímos com as professoras formas que poderíamos dialogar sobre patrimônio.

Uma dessas experiências resultou na realização de uma aula andante¹⁴ em parceria com a professora Andréa Bezerra. O intuito era perceber junto com as crianças o patrimônio local, ambiental e material. Dessa forma, fizemos perguntas relativas ao local, tais como: o que eles gostavam? O que consideravam importante? Pedimos que eles explicassem a paisagem, falassem sobre a vegetação, entre outras questões alinhadas à observação do território.

A ideia do presente trabalho decorre da demanda por jogos e brincadeiras apontada pelo questionário. Surgiram assim dois jogos: “Memória do Conde” e a “Caça ao Patrimônio”. O propósito da realização era confirmar se as referências patrimoniais que foram observadas até aquele momento eram de fato relevantes para os moradores locais, em especial, para as crianças.

Para viabilizar este projeto, é importante fomentar um diálogo significativo sobre o patrimônio entre as comunidades e os pesquisadores. Somente por meio dessa colaboração, será possível definir, coletivamente, o que é de relevância para essas comunidades, atendendo às suas expectativas. Afinal, são os membros das comunidades que desempenham o papel central da narrativa. Assim sendo, para embasar este trabalho, é essencial evidenciar nossa disposição em aprender sobre a cultura e o patrimônio local.

Durante um encontro da UFBA com as lideranças pesqueiras locais e de outras regiões, fomos estimulados a pensar em uma palavra que simbolizasse nossa vivência dentro do projeto, imediatamente me veio na cabeça a palavra “convivência”, pois essa palavra permeia minha participação dentro do projeto. A

¹⁴ Inspirada nas aulas da professora Joseania Freitas e do professor Marcelo Cunha que ambas as discentes vivenciaram na disciplina de história e patrimônio na Bahia

convivência me proporcionou conhecimentos que espero poder traduzir ao longo deste trabalho.

Convivência, foi a partir dela que consegui produzir ciência, o que me trouxe até aqui, me proporcionou laços, afetos, amizades, risadas, ensinamentos, sabores, revoltas, tristezas, o que me ensinou sobre a fé (mesmo eu não tendo muita), ofícios, foi aquilo que me fez enxergar as dificuldades que atravessam a vida de diferentes formas, foi o que me moveu para além da ciência e o que me acompanha até hoje. Percebi que estando vinculada a um projeto ou não, ainda assim eu estou presente na memória das pessoas e elas na minha. É algo que não tem como “voltar atrás”, pois Siribinha e Poças atravessaram minha existência e se constituíram em parte da minha vida e da minha memória.

Em uma conversa com meus colegas de campo discutimos o quão complexa é nossa passagem nas comunidades. Nas comunidades o “evento” já começa ao saber que um campo da UFBA estava próximo. Todas as saudades que tinham ficado do último campo seriam cessadas, por outro lado, dariam lugar a novas saudades que viriam depois dessa nova etapa. Por fim, sempre sobra a expectativa de um novo campo, que enquanto não chegasse seria suprida por um outro tipo de convivência, aquela que a tecnologia proporciona. Foram inúmeras histórias e conhecimentos, as pessoas das comunidades foram generosas, sempre estiveram dispostas a compartilhar, e graças a elas a pesquisa acadêmica fluía ano após ano, agregando qualidade ao repertório.

O município de Conde, BA abriga uma porção de mangue muito conservada, sua preservação é uma das maiores demandas por parte dos moradores. Fica evidente esta informação após a aplicação dos questionários. Nosso objetivo era identificar o que era importante para as comunidades em relação ao território e de que forma eles preferiam dialogar sobre o meio ambiente e sua cultura, a partir de uma perspectiva museológica.

Como já havíamos coletado algumas entrevistas com as pessoas mais velhas da região (alguns trechos serão trazidos ao longo do texto), pensamos que seria interessante verificar também a perspectiva dos mais jovens. Assim, decidimos trabalhar com a escola municipal, para atingir esta categoria, a partir da

utilização de um questionário interativo com imagens e perguntas curtas (anexo I). A ideia do questionário surge do fato de precisarmos entender como as crianças das comunidades preferem que seja estabelecido um diálogo sobre o patrimônio local, e quais aspectos entendem como mais relevantes na região.

Desta forma foi elaborado em conjunto com as professoras locais e algumas pessoas do grupo de pesquisa que atuavam em conjunto com a escola na CoP. Os resultados destes questionários serão abordados e discutidos de maneira aprofundada na terceira seção desta monografia.

Como tivemos um número expressivo de participantes no questionário que optaram por jogos e brincadeiras como uma atividade de interesse, decidimos elaborar brincadeiras que possibilitasse uma abertura de diálogos acerca do território e patrimônio local, em razão de muitas vezes as crianças e jovens serem excluídos desse processo o que pode criar lacunas relativas a reflexão do papel que seus antepassados desempenham no contexto de patrimônio local, o que pode prejudicar as articulações entre as gerações antigas e atuais (TEIXEIRA, 2023, p. 224).

O objetivo é inserir as crianças nos debates relacionados ao patrimônio cultural e ambiental pois a contribuição das gerações mais novas é fundamental para a construção dessa temática, refletir sobre o passado é o que determina o futuro que queremos traçar, afinal uma característica do patrimônio é sua apropriação pelos seus descendentes como explicado a seguir:

[...] remete ao conjunto de todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo Homem, materiais ou imateriais, sem limite de tempo nem de lugar, que sejam simplesmente herdados dos ascendentes e ancestrais de gerações anteriores ou reunidos e conservados para serem transmitidos aos descendentes das gerações futuras. O patrimônio é um bem público cuja preservação deve ser assegurada pelas coletividades [...] (DESVALLÉES, 2013, p.74).

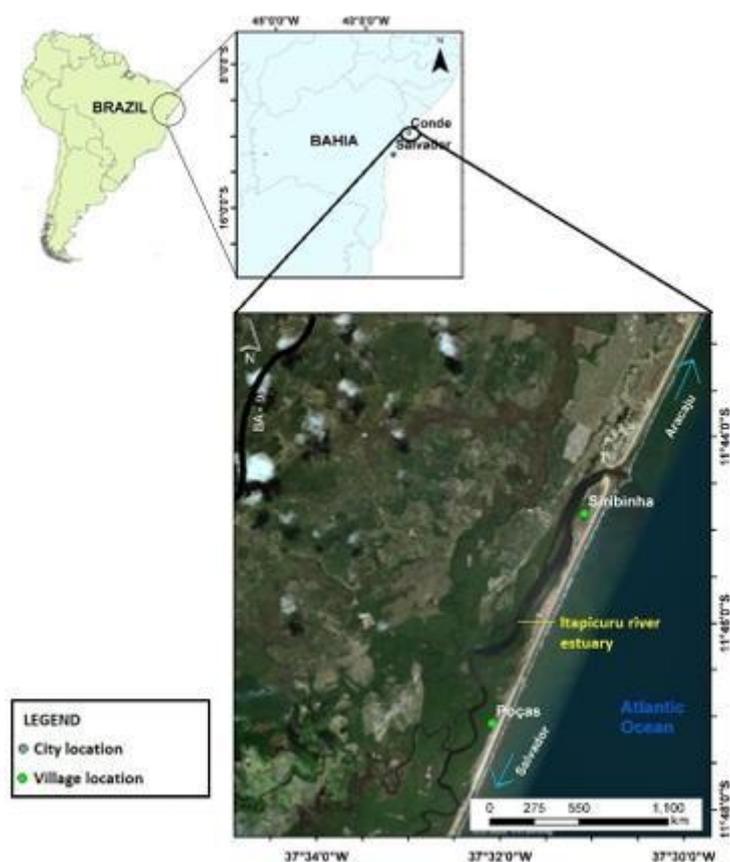
Desta forma este projeto tem por justificativa ser uma ferramenta para ajudar na construção de processos museológicos de preservação e valorização da transmissão do patrimônio, os quais visam fortalecer os laços comunitários e possibilitar o posicionamento político dos moradores das comunidades ao defender e impor limites ao que querem ou não em seu território.

Este trabalho está dividido em quatro seções: a primeira, composto pela introdução, visa refletir sobre a nossa trajetória e interesse em trabalhar com comunidades pesqueiras; a segunda, tem por finalidade descrever observações sobre o território e foi dividido em duas partes: o mangue e o mar, visto que estas duas extensões definem ofícios e práticas específicos quando pensamos em relação ao patrimônio. A terceira, faz uma revisão bibliográfica sobre o brincar, demonstra e analisa os dados coletados que deram origem a realização de duas brincadeiras desenvolvidas com as crianças e, por fim, a quarta seção com as considerações finais.

2. O TERRITÓRIO

O Estuário do Itapicuru está localizado no litoral norte da Bahia, próximo ao Estado de Sergipe. O município do Conde tem uma população estimada em 23.654 habitantes (IBGE, 2022). Na figura nº 2 é possível observar melhor sua localização no estado da Bahia:

Figura 2: Localização do município de Conde/BA



Fonte: Adaptado de Guimarães et al., 2020 in: El Hani, 2022.

Trata-se de um Estuário, ou seja, região onde ocorre o encontro do rio Itapicuru com o Oceano Atlântico. O município do Conde abriga um vasto manguezal que proporciona sustento para a maioria dos habitantes dessa região, bem como, o mar que também fornece alimento e renda para a população. Além disso, tanto no mangue como no mar, é onde grande parte das práticas relativas à

pesca artesanal acontecem. Tratam-se de práticas passadas de geração em geração.

Durante nossa estadia atuamos mais nas comunidades de Poças e Siribinha que apesar de muito próximas são bem diversas entre si. As Poças é um lugar de passagem, uma comunidade maior, porém a praia *das Poças* (figura 3) tem pedras de forma que dificulta o banho, mesmo que nessas pedras se formem lagoas, tornando-se assim, segundo alguns moradores que ouvimos, “uma comunidade menos atrativa para os turistas”. Por outro lado, a pesca ainda é a atividade econômica principal das pessoas.

Figura 3: Praia *das Poças*



Fonte: Manoela Paiva, 2022

Importante ressaltar que as práticas do ofício pesqueiro vão para além do território mangue e mar, continuam acontecendo na casa das pessoas por exemplo, quando as marisqueiras se reúnem em frente às suas casas para quebrar aratu no final do dia, ou quando os pescadores consertam suas redes embaixo de uma amendoeira “famosa” em Siribinha, está no cotidiano e constitui parte da memória, fazendo com que os fazeres que contemplam tal ofício, se constituam como patrimônio cultural, visto que são:

[...] representações, expressões, conhecimentos e saber-fazer – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços [...] as comunidades,

os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como fazendo parte. [...] transmitido de geração em geração é recriado permanentemente pelas comunidades e grupos em função de seu meio, de sua interação com a natureza e de sua história, e lhes confere um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana [...] (UNESCO, 2003).

Em ambas as comunidades o turismo está presente. Porém, por meio da observação foi possível perceber que em Siribinha há mais pessoas que vivem apenas do turismo, o que causa transformações mais profundas nas dinâmicas dessa comunidade.

Em Siribinha e Poças, de um lado temos a paisagem da praia e do outro, o rio. Em ambos os casos, no rio se encontra um porto, no de Siribinha além de saírem os barcos das pescadoras e marisqueiras, saem também muitos barcos para passeios turísticos, o que ocorre em Poças também mas em menor número, porém em Poças chegam os barcos grandes¹⁵. Esses são os barcos que vão para o alto mar e chegam a ficar longos períodos (até duas semanas) e voltar carregados de peixes.

Segundo pescadores da região, em entrevistas realizadas pela profa. Dra. Sidélia Teixeira, eles contam que antigamente esse percurso era feito com jangadas, com a vinda de dois estrangeiros para comunidade de Poças, um padre alemão chamado Geraldo e um belga chamado Jos, foi adquirido um fomento e os barcos grandes foram introduzidos.

Isso ocorreu na década de 70, quando o padre Geraldo veio para Poças pela igreja católica e permaneceu longos anos, padre Geraldo, foi quem convidou Jos e a esposa para irem morar na comunidade. Tanto Jos como o padre Geraldo desempenham um papel importante na região, ambos ajudaram na organização dos moradores em forma de associação, além de conseguirem verbas para investir em melhorias, tais como os barcos grandes.

Seu Nilson, pescador, esclarece em entrevista concedida a Juliana Fonseca (2021), a vinda dos barcos grandes: “ele fez uma promessa que ia comprar uns barco/ pra gente/ não pra todo mundo/ mas/ ia conseguir verba pra

¹⁵ Como eles chamam os barcos a motor.

comprar uns dois ou três barcos/ pra todos os pescador dessa associação participar né/ ter algum benefício” (FONSECA, 2021, p.71).

A passagem de Jos nas Poças é muito significativa, todos lembram dele com muito carinho e respeito, segundo os moradores, ele ajudava as pessoas com questões médicas e a se articularem politicamente, além de contribuir com recursos financeiros. Jos abriu na região uma fábrica de gelo, Fonseca explica:

A falta de formas adequadas para conservar os pescados fazia com que os pescadores tivessem que retornar para a comunidade todos os dias e vendessem logo ou salgassem o pescado. No entanto, com a influência de padre Geraldo e Jos, a energia elétrica chegou à comunidade e foi iniciada a construção de uma fábrica de gelo [...]. Essa fábrica de gelo estava quase concluída quando Jos veio a falecer, ao tentar instalar a bomba d'água dentro da fábrica (FONSECA, 2021, p.74).

Porém sofreu um acidente enquanto mexia com a parte elétrica da fábrica, mas sua presença permanece até hoje nas Poças. A Unidade de Saúde Básica de saúde da comunidade foi batizada com o seu nome e a associação de moradores que recentemente foi revitalizada pelos próprios, também. A fábrica onde o acidente ocorreu, ainda existe e serve como espécie de apoio para os pescadores que chegam do alto mar. Não têm a mesma finalidade de produzir gelo, mas de alguma forma ainda é utilizada mesmo que esteja praticamente em ruínas.

A seguir, é possível ver duas imagens (figuras 4 e 5), uma arte que até hoje permanece na parede da fábrica. Trata-se de Jos e mais dois pescadores - Sr Evandro e Sr Alfeu¹⁶ e outra da fábrica de gelo:

¹⁶ Informação passada por Juliana Fonseca em campo

Figuras 4 e 5: Fábrica de gelo

Fonte: Manoela Paiva, 2019



Fonte: Juliana Fonseca, 2019

A relação da comunidade *das Poças* com a pesca é completamente diferente de Siribinha, que também é uma comunidade pesqueira, mas sofreu mudanças mais profundas com a chegada do turismo. Em Siribinha, muitos moradores possuem barracas na Boca da Barra¹⁷ de onde tiram seu sustento, nessas barracas são comercializados produtos da região, diversos peixes, o famoso pastel de aratu, a moqueca de aratu, água de coco, entre outros.

Além disso, é comum a contratação de pessoas da própria comunidade para trabalhar nesses estabelecimentos comerciais. Há também o serviço de barco disponibilizado por algumas pessoas da comunidade até os pontos turísticos em sua maioria, é realizado por homens. As mulheres costumam atuar mais nos serviços de cozinha e atendimento nas barracas. Na imagem a seguir, podemos observar um aspecto da paisagem da Boca da Barra:

¹⁷ A Boca da Barra é um ponto turístico da região, pois é onde ocorre o encontro do rio com o mar.

Figura 6: Boca da Barra



Fonte: Manoela Paiva, 2022

Existem dois recursos ambientais que determinam a vida dos moradores das regiões de Poças e Siribinha - o mangue e o mar. Esta seção está subdividida entre esses dois ecossistemas devido às suas complexidades.

A pesca e a mariscagem são atividades que movimentaram a economia local por muito tempo. Atualmente, o turismo tem demonstrado ser fonte de renda para uma parcela da população.

2.1 O MANGUE

A primeira vez que fui para Siribinha, em 2019, nos deparamos com uma situação muito atípica e devastadora. Isto é, tinha acabado de ocorrer o derramamento de óleo¹⁸ na costa nordestina. Essa tragédia deixou marcas profundas nas comunidades, era possível perceber no olhar das pessoas a indignação perante a situação, afinal o território deles foi invadido por placas de óleo do dia pra noite e isso afetou profundamente as dinâmicas locais.

¹⁸ “Oficialmente identificado em 30 de agosto de 2019, um derramamento de petróleo ou óleo bruto atingiu a costa brasileira e alcançou a faixa litorânea de 4.334 km em 11 estados do Nordeste e Sudeste, 120 municípios e 724 localidades até 22 de novembro de 2019. Esse desastre vem sendo considerado como o maior derramamento de óleo bruto da história do país e um dos mais extensos registrados no mundo”. (LIMA, 2020).

As marisqueiras¹⁹ não estavam quebrando aratu na porta de suas casas. Os pescadores estavam no mar, mas não com o propósito de pescar e sim tentando limpar o óleo que chegava em grandes quantidades todos os dias na costa. O medo era que o petróleo adentrasse o mangue, pois seria uma fatalidade sem precedentes. Mas, com muito trabalho, principalmente dos moradores, houve uma redução dos danos e o mangue foi preservado, o que permitiu a retomada completa das atividades pesqueiras bem como as turísticas em um breve período.

O mangue do município do Conde é extenso e abrange diversas comunidades. Segundo o atlas dos manguezais, o rio Itapicuru é o abrigo desse manguezal:

[...] nasce no piemonte da Chapada Diamantina e drena área aproximada de 36.440 quilômetros quadrados, desaguando na chamada 'Costa dos Coqueiros', no litoral norte do estado da Bahia, próximo à cidade do Conde. Nos pontos onde o escoamento sofre a influência das marés, grande parte dos sedimentos depositados servem de substrato para o estabelecimento, crescimento e manutenção de extensos mangues. Os manguezais que se encontram no curso inferior do rio Itapicuru apresentam-se bem conservados, ladeados por extensas plantações de coco, com pequenas ocupações humanas. A região costeira do rio Itapicuru encontra-se em uma das mais expressivas zonas úmidas do litoral norte do estado da Bahia (MARETTI, 2018, p.47).

Há uma grande preocupação dos moradores em relação a conservação desse manguezal, principalmente após a vinda do "progresso" na região, eles percebem a diminuição da presença de diversas espécies. Em conversa com um morador, ele disse que há uns 15 anos atrás, na Boca da Barra ainda era possível pescar camarão, mas hoje com a legalização dos *jet skis*, os camarões sumiram de lá.

O mangue faz parte da vida da maioria dos moradores e, em especial, das mulheres, pois é onde acontece a prática da mariscagem, atividade desenvolvida preferencialmente por mulheres que pescam e levam o sustento para suas

¹⁹ A mariscagem é uma atividade pesqueira realizada essencialmente por mulheres, existem homens que praticam a mariscagem, mas são exceção, no caso das comunidades do Itapicuru são voltadas predominantemente para a pesca do aratu, um caranguejo de mangue, mas há também outros animais de mangue que são coletados para subsistência com a mariscagem, porém o valor econômico deles não é tão alto como o do Aratu (FONSECA, 2021).

famílias. A grande maioria pesca aratu²⁰. Em Poças, as marisqueiras utilizam o covão como ferramenta, já em Siribinha, a varinha é mais popular.

O covão é uma armadilha, utilizada para pescar aratu, siri, morea, entre outros. É um instrumento que revela um saber-fazer, isto é, um patrimônio imaterial das comunidades. É uma armadilha de pesca utilizada e descrita por Fonseca da seguinte forma:

[...] é uma arte de pesca utilizada na comunidade desde quando as pessoas pescavam apenas no rio e no manguezal até os dias atuais. Ele tem formato cilíndrico, confeccionado com quitandas de piaçava entrelaçadas por cipós de timborana, sendo este formato mantido graças aos arcos de cipó de fogo que moldam sua estrutura (FONSECA, 2021, p.52).

A morea é um recurso que o mangue proporciona. É um peixe pequeno que fica escondido na lama. O covão também é utilizado para a pesca desse peixe, porém de maneira diferenciada, como explica Fonseca: “Para capturar morea, são usados os mesmos covões utilizados para o aratu. No entanto, são colocados no interior do manguezal [...]” (FONSECA, 2021, p. 59).

Durante a nossa atuação em campo, tivemos a oportunidade de pescar aratu com duas marisqueiras das Poças Valziane Santos Pires Santana (conhecida na comunidade pelo apelido de Valzinha) e Juliana Santos Pires (conhecida na comunidade pelo apelido de Jubinha). Foi um momento importante para a compreensão desse ofício e para nossa evolução como pesquisadoras. Valzinha aprendeu com marisqueiras antigas e passou seu conhecimento para Jubinha, sua irmã. No dia em que fomos pescar, nos encontramos no píer. Valzinha e Jubinha estavam iscando os covões com caranguejo para atrair o aratu. Isso consiste em colocar um pedaço de caranguejo, com cheiro bem forte dentro da armadilha. Dessa forma, o aratu entra para se alimentar e não consegue sair.

Essas marisqueiras utilizam um barco pequeno a remo e levam mais de 40 covões dentro desses barcos. Após sair do que elas chamam de *mangue cansado*²¹, elas começam a espalhar os covões. Valzinha coloca os covões com a

²⁰ Uma espécie de caranguejo que se encontra no mangue.

²¹ Mangue que muita gente já pescou e acabou os aratus

portinha virada para baixo, entre as pernas do mangue (as raízes), como ilustrado na figura:

Figura 7: Covo entre as pernas.



Fonte: Manoela Paiva, 2022

Na sequência, as marisqueiras assoviam e batem folhas para chamar o aratu. Esse procedimento é repetido em todos os covos espalhados pelo mangue descansado. Isso demora em torno de 4 horas, isto é, para espalhar todos os covos. Em seguida, as marisqueiras enquanto esperam a maré subir para voltar e recolher os covos, se alimentam²². A pesca do aratu dura em torno de 9 horas. Ao chegar em casa, é necessário quebrar o aratu pescado no mangue, pois de sexta para sábado vão vender o que pescaram durante a semana na feira. É preciso acordar às 2 da manhã para preparar o pescado e levá-lo até o local.

Manoela Paiva e Mariana Moura durante uma viagem de campo em julho de 2022, foram pescar aratu com as marisqueiras Valzinha e Jubinha, foi como as percepções descritas acima foram elaboradas e também, Manoela sintetizou o que viveu ao longo do dia em um poema:

No mangue, em silêncio, você precisa entrar, principalmente se vai com intenção de pescar.

Atento você deve estar, pra cobra não picar. As presepadas podem acontecer e você pode se assustar. Por isso precisa se ligar que o mangue não é qualquer lugar.

²² Nesse dia levamos cuscuz e elas levaram frango com arroz.

Uma coisa posso te garantir. É melhor não responder o zumbi²³, pois esse é o maior descaso. Responder o assobio errado, ele vai te perseguir e da sua casa não vai sair.

Também não deixe a caipora²⁴ te enganar. O aratu é preciso chamar, do jeito certo ele vai te escutar. Bate folha pra ele achar o covão que está disfarçado naquele lugar.

Em silêncio, no mangue, você deve ficar. Não esquece dos covão passar pra pegar. Volta pra casa e vai logo quebrar porque a feira de sábado não pode esperar. Em silêncio, no mangue, você deve entrar e se ligar que não é qualquer lugar. Pede licença e vai logo pescar porque o aratu sozinho no covão ele não vai entrar (PAIVA, 2022).

Em outro momento, quebramos o aratu com elas. Constata-se que é um processo minucioso e complicado. Algumas mulheres quebram com a faca, mas a maioria faz com a mão. Escolhemos tentar com a mão mesmo. Percebemos que tem que ser feito do “jeito certo”, cada marisqueira possui o seu “jeito certo” de fazer e minimizar os machucados que a quebra pode fazer nas mãos, já que o aratu tem estruturas duras que furam os dedos. É inevitável alguns cortes principalmente quando está quebrando pela primeira vez, afinal é preciso prática.

Na imagem a seguir, ilustra o fazer das marisqueiras e nossa participação, na foto da esquerda para a direita aparecem: Juliana; Mariana; Valzinha; Manoela e Valdelice, quebrando aratus.

²³ Entidade do mangue que emite um som de assobio que se você responde ele te persegue e fica assobiando por muito tempo atrás de você.

²⁴ Entidade do mangue que finge ser uma pessoa próxima a você, te chama com a voz da pessoa e te deixa perdido no mangue, sem saber como voltar para casa.

Figura 8: Quebrando aratu na casa de Valdelice (mãe de Valzinha).



Fonte: Glauber Moreira, 2022, reproduzida com permissão.

O conjunto destas experiências nos fez compreender como é importante a preservação deste patrimônio, a mariscagem, o que nos proporcionou ideias sobre como abordar essa e outras temáticas com as comunidades, em especial com as crianças.

2.2 O MAR

O mar é um local onde os ofícios relativos à pesca são praticados, em sua maioria, por homens. Quando visitamos a Associação de Pescadores no Sítio do Conde, nos informaram que apenas uma mulher é cadastrada como pescadora de alto mar. Nas Poças, existe uma peculiaridade que são as piscinas naturais, mencionadas anteriormente, formadas nas pedras, onde algumas mulheres pescam lagostas.

Para realizar a pesca no mar, seja ela em um barco grande ou pequeno, é necessário passar pela área de rebentação. Isso dificulta a entrada. Chegamos a ficar observando por quase duas horas, dois pescadores tentando quebrar a rebentação para terem acesso a rede que tinham deixado atrás do quebrar das ondas. A pesca no mar implica em conhecimento e práticas específicas. Hoje, existem tecnologias, o que segundo alguns pescadores que conversamos, ajudou

bastante a chegada de ferramentas tais como: GPS, celular, barcos a motor, entre outras.

Mas, na época em que se usava jangada era diferente. Ocorriam muitos acidentes e eles passavam por muitas dificuldades em alto mar. Segundo eles, a jangada era uma estrutura simples feita de madeira boieira²⁵, algo em torno de seis troncos²⁶, depois furava a madeira boieira e realizava uma amarração com troncos menores, eram instalados bancos também para sentar e ficar pescando, por fim o remo para movimentar a estrutura e chegar onde era necessário. Em entrevista realizada pela professora Sidélia um dos pescadores mais idosos da comunidade de Siribinha conta o processo de feitura da jangada:

Aí comprava os pau... fosse... o mermo de que esse aqui que tá aqui nesse coqueiro... Aí eles aparava, fazia a parada aqui... eles faziam a... as ponta, lixavam, pra juntar... tinha um trago pra furar, metia um pau bom... é... marmelo [...]. Não era madeira muito fixe, que ele batia... entrava apertado naquele furo... furava tudo encostadinho ali... ali em cima botava os banco... tinha os banquinho pa sentar pa pescar. O banco assim... uma altura dessa assim [...] Botava com o pé só pra não arenhar. E... ali... tinha um aracambu no meio, pra amarrar os corfo, as vasilha que botasse o peixe né (Seu Sinhozinho, 2019).

A pesca artesanal no mar, é um saber que também foi passado de geração para geração como demonstra Seu Sinhozinho, ao registrar que aprendeu tal prática com seu avô. Certo dia, conversando com um pescador da comunidade das Poças que também aprendeu com seus familiares mais velhos a pescar, o mesmo ressaltou que a atitude dos mais jovens em relação a pesca é diferente de antigamente.

Pelo que ouvimos dos pescadores, a pesca em alto mar exige muito do corpo e da mente. Em conversa informal, um pescador disse a seguinte frase: “para pescar no mar é necessário coragem e precisão²⁷”. Os pescadores costumam passar longos períodos (em torno de sete dias ou mais) longe das famílias, e as condições são bem difíceis. Eles contam que o balanço deixa

²⁵ Em entrevista o pescador Seu Sinhozinho dá este nome para a madeira utilizada para confeccionar a jangada, era uma madeira que não afundava.

²⁶ A informação de que se usava seis troncos foi passada por diferentes pescadores, em Fonseca (2021) essa informação também é confirmada.

²⁷ Ao falar sobre precisão, mexeu na barriga, demonstrando que era necessário se alimentar.

bastante gente enjoada (seja de jangada ou de barco), como aponta Seu Sinhozinho, o organismo tem que “se dar” com a prática:

Porque a pessoa que se dá com o mar, pescava o dia todo, vira pela noite ou passa dois três dias lá fora [...] Né... agora, depende do organismo dele ‘guentar’ aquele balanço do mar. A jangada fica lá... subindo e descendendo... Aquilo chagava no organismo da gente, balança com tudo, a gente começa a vomitar, a cabeça “entontura” ... fica tonto... da até diarreia (Seu Sinhozinho, maio de 2019).

A pesca no mar pode acontecer de linha ou de rede. A maioria das pessoas entrevistadas disse que prefere pescar de linha, principalmente, quando saem para pescar nos barcos grandes. Os peixes que são pescados durante o período são armazenados em uma espécie de geladeira. Para identificar os proprietários dos peixes, marcas são feitas no pescado. Pode ser um corte na cauda, na barbatana, na cabeça... As possibilidades são inúmeras e cada pescador tem a sua marca.

Compreender melhor sobre as dinâmicas relacionadas à pesca em alto mar, construiu um conjunto de percepções que podem fomentar possíveis diálogos com as crianças relativos ao ofício e a diversidade do ecossistema marinho.

3. BRINCADEIRAS

A seção três analisa a aplicação de dois jogos, que ocorreram no feriado do dia das crianças em 2022, com a intenção de abrir espaço para diálogos com as crianças, relativo ao patrimônio cultural e ambiental do Estuário do Itapicuru. Além disso, aborda a participação de Manoela Paiva, Mariana Moura e Inah Irenam no auxílio da organização da festa de dia das crianças em parceria com duas mães da comunidade de Siribinha que idealizaram a comemoração. Gleide dos Santos e Cátia Silva, pediram nossa ajuda para arrecadar fundos, idealizar e executar uma festa para mais de 70 crianças de Siribinha e comunidades do entorno, tais como Cajueirinho, Buri e Poças.

Quando Gleide manifestou a vontade de realizar a festa e organizar em conjunto, foi discutido durante os preparativos quais atividades poderíamos fazer de entretenimento no dia. Foi nesse momento que perguntamos sobre as brincadeiras que elas faziam durante a infância. Prontamente, ela lembrou das brincadeiras de gincana: corrida de saco²⁸, dança das cadeiras²⁹, corrida da colher com ovo³⁰, quebra pote³¹, pau de sebo³². Algumas dessas brincadeiras tinham um nível de complexidade mais alto o que dificultaria organizar, mas outras eram de execução mais simples e foram as escolhidas para realizar na festa - a dança das cadeiras e a corrida da colher com ovo (substituindo o ovo por limão para não sujar).

Foi muito interessante realizar e observar a prática dessas brincadeiras, pois os adultos participaram e acabaram envolvidos e se divertindo juntamente com as crianças. Nessa perspectiva podemos visualizar o “ser brincante”: “[...] é aquele que pratica a ação lúdica, é aquele que brinca, não importa a idade” (TEIXEIRA, 1999, p.11), percebemos que brincar pode ser uma estratégia de diálogo intergeracional.

²⁸ Corrida que se faz dentro de um saco, é necessário pular para sair do lugar.

²⁹ Dança que ocorre em volta de uma roda de cadeiras, quando a música para é necessário sentar em uma cadeira, porém sempre terá uma a menos, desta forma quem fica sem cadeira é eliminado da brincadeira.

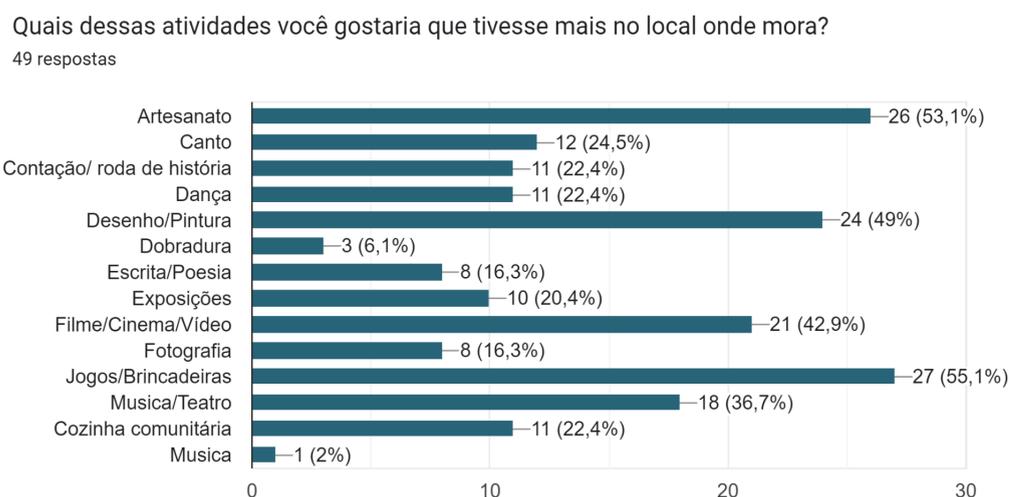
³⁰ Corrida em que os participantes seguram uma colher na boca com um ovo na ponta, precisa chegar ao final sem quebrar o ovo.

³¹ Jogo que vendado você tem que achar um pote para quebrar, em geral cheio de doces.

³² Um mastro escorregadio que em cima tem um prêmio.

Durante nossa coleta de dados, a fim de propor atividades de interesse das pessoas das comunidades, utilizamos um questionário para levantar dados quantitativos (já abordado na introdução deste projeto), em conjunto com as docentes da Escola Brasileira Eugênia de Oliveira. Conseguimos um total de 51 participantes, a maioria crianças, mas houve participação de outras faixas etárias. Grupo amostral relevante no contexto das comunidades que nos apontaram os jogos e brincadeiras, como formas de diálogo, escolhido por 55,1% dos participantes, como demonstra gráfico, a seguir:

Gráfico 1: Resultado sobre atividades de interesse



Fonte: Questionário aplicado na escola Brasileira Eugênia de Oliveira em 2022.

Desta forma ocorreu a ideia de propor jogos e brincadeiras que, de alguma forma, estivessem imbuídos com temáticas patrimoniais, afinal, como evidenciado por Teixeira: “A noção de jogo implica uma certa diversidade” (TEIXEIRA, 1999, p.12), sendo assim não tem regra, mas deve ser convidativo para quem brinca.

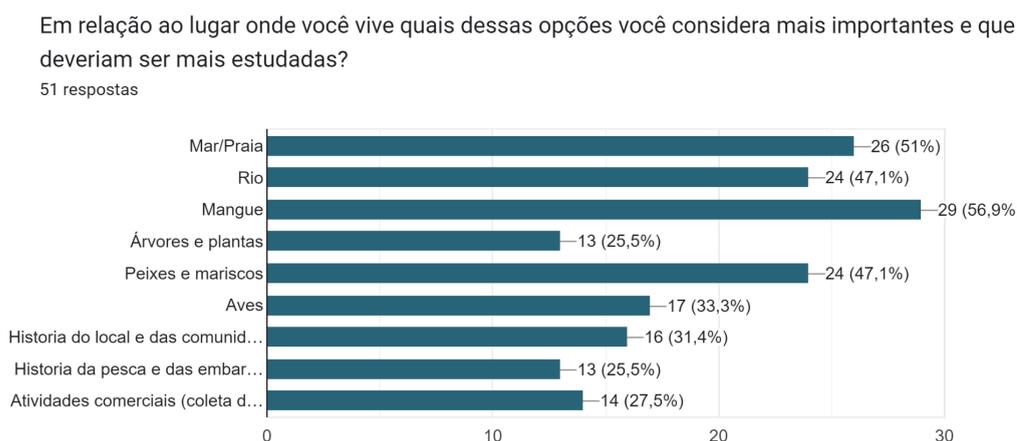
A intenção desses jogos era confirmar se o que foi observado em relação ao patrimônio, ao longo dos quatro anos de atuação da discente de fato correspondiam a elementos significativos para as comunidades. Sendo assim, foi idealizado um jogo intitulado “Memória do Conde” e a brincadeira “Caça ao

Patrimônio”, que serão explicados adiante, e terão seus resultados analisados. O objetivo era ampliar o diálogo museológico que está sendo construído, de forma gradual, com as comunidades.

É importante compreender os referenciais patrimoniais, por meio de ações lúdicas, as ações propostas com o foco no olhar das crianças visaram contribuir com os processos de compreensão e fortalecimento identitários por meio do patrimônio ambiental, cultural e histórico do Estuário.

No questionário buscamos identificar também assuntos de relevância para propor as atividades. Assim, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 2: Assuntos que os participantes consideram de maior relevância.



Fonte: Questionário aplicado na escola Brazilina Eugênia de Oliveira em 2022.

Desta forma, as brincadeiras procuraram abordar principalmente os aspectos relacionados ao Mar/ Praia, Rio, mangue e a atividade pesqueira. Por fim, articular com as crianças esse diálogo por meio de brincadeiras se fundamenta ao pensar no por que a criança brinca, explicado pela professora Graça: “[...] brincando, ela vai construindo história e produzindo cultura, e marcando, assim, a sua presença no mundo” (TEIXEIRA, 1999, p.14). Adiante, serão apresentadas as brincadeiras.

3.1 MEMÓRIA DO CONDE

A ideia do jogo surge ao pensar no meu “eu” criança que adorava esse tipo de desafio que o jogo da memória proporciona. O jogo da memória em geral é um jogo solitário, porém foi pensado de maneira mais interativa, era possível incluir mais de um participante. Foi idealizado e executado³³ em tamanho ampliado e plastificado para que viabilizasse várias crianças jogarem ao mesmo tempo no chão.

O jogo da memória foi composto por seis imagens e doze peças, relativas ao território do Conde, escolhidas pela discente a fim de confirmar se as observações feitas ao longo dos anos, de fato correspondiam a locais de interesse para os moradores da região. A intenção era verificar que sentimentos afloravam durante a realização do jogo. As imagens traziam paisagens que tinham em sua composição lugares escolhidos no questionário, tais como: mar, mangue, rio, entre outras. A seguir, apresentamos as imagens:

Figura 9: Área central de Siribinha (tirada por Fabiana Santos); verso do jogo da memória; formação de poças na praia *das Poças* e o Cavalo Russo.

³³ Foram impressas as fotos coloridas em folha A4 e posteriormente plastificadas por Manoela Paiva.



Fonte: Composição de imagem feita por Manoela Paiva, 2023.

Figura 10: Barco com covos; verso do jogo da memória; Cajueirinho e praia de Siribinha.



Fonte: Composição de imagem feita por Manoela Paiva, 2023.

Primeiramente, a ideia era disponibilizar o jogo na festa do dia das crianças como uma das muitas atividades do evento. Porém, as crianças estavam tão empolgadas com os brinquedos e as brincadeiras de Gleide e Cátia que não houve interação. Não só as crianças, como os adultos também, pois como dito anteriormente, foram revividas brincadeiras da infância dos adultos, brincadeiras de gincana. Além dessas brincadeiras, tinha pula pula, escorrega, piscina de bolinha. Sendo assim, o jogo da memória ficou meio apagado no contexto.

No dia seguinte, ao fazer uma visita na escola levamos o jogo e mostramos para as professoras. A intenção era deixar como doação para a escola. Como era uma sexta-feira e feriado do dia das crianças, foi autorizado a utilização do jogo com as crianças. O jogo foi desenvolvido com três turmas. A primeira, era de alunos na faixa etária de 7 à 8 anos, na sala da professora Andréa de Oliveira Bezerra.

Ao entrarmos na sala e espalhamos o jogo pelo chão, eles ficaram curiosos e sentaram em volta para começarem a jogar. Foi decidido entre eles quem seria o primeiro, quando começaram a abrir as peças eles entenderam que chamava memória do Conde, pois era relativo às paisagens das comunidades de Siribinha, Poças e outros espaços do município. As reações foram diversas. Houve comentários do tipo: “Siribinha tá famosa”; “olha é a praia aqui de trás”; “As Poças que formam aqui na praia”. Foram feitas três partidas nesta sala e fomos para a turma da professora Elda dos Santos Santana, com crianças de 6 a 7 anos que também ficaram surpresas ao perceber que o jogo era relativo a lugares que elas conheciam e frequentavam.

Fizemos também a mesma atividade em uma sala de crianças mais novas, da docente Maria José da Conceição de 5 a 6 anos. Esse grupo apresentou uma dificuldade de organização para ir um de cada vez e encontrar os pares do jogo. Sendo assim, a brincadeira durou mais tempo e em determinado momento, perderam o interesse, mas foi nesta sala que eles sugeriram que poderíamos idealizar algum tipo de jogo, em conjunto.

Em todas as turmas ao dizer que o jogo ficaria para escola como um presente e que eles poderiam jogar quando as professoras permitissem foi uma

comemoração. A seguir, apresentamos algumas ilustrações da atividade desenvolvida:

Figura 11: Memória do Conde



Fonte: Inah Irenam, 2022, reproduzida com permissão.

Os resultados desta ação demonstram que envolver as crianças em discussões sobre o patrimônio, por intermédio de atividades lúdicas, foi altamente eficaz. Elas demonstraram entusiasmo com o jogo e até interesse em colaborar na concepção de outros jogos com a mesma temática. Também houve uma identificação com as imagens selecionadas, reforçando assim que as observações sobre o patrimônio cultural e ambiental da região estão de acordo com o que é considerado por eles relevante.

3.2 CAÇA AO PATRIMÔNIO

A caça ao patrimônio foi uma brincadeira desenvolvida em Siribinha após a festa do dia das crianças, como uma extensão das comemorações do feriado. Baseada na ideia da caça ao tesouro³⁴, foram espalhadas pistas em pontos específicos da comunidade que tinham alguma relação com o patrimônio ambiental ou cultural. Começamos reunindo um grupo de crianças na praça principal, onde fizemos a leitura da primeira pista (Figura 12):

³⁴ Caça ao tesouro é uma brincadeira em que os participantes encontram um tesouro por intermédio de pistas.

Figura 12: Início da brincadeira



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

A pista era relativa ao porto de Siribinha, a escolha do lugar foi para representar o rio e o mangue, assunto escolhido no questionário pela maioria dos participantes como um assunto relevante. A pista dizia o seguinte: “Um pôr do sol sempre acontece em minha direção, é onde os barcos chegam e vão, quem sou eu?”:

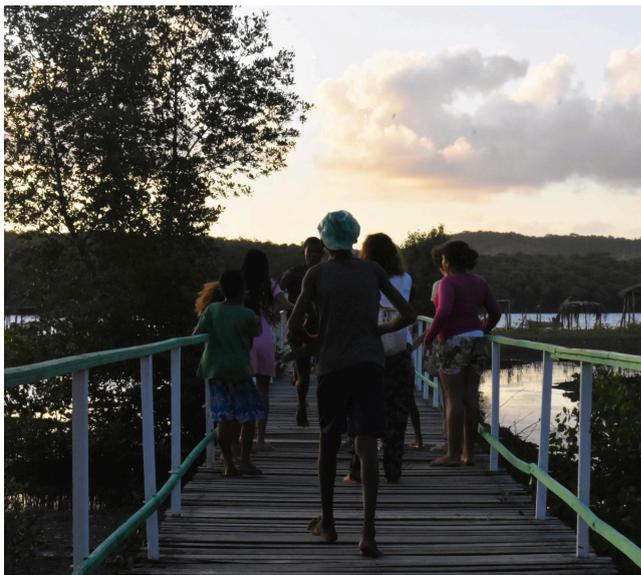
Figura 13: Crianças correndo em direção ao porto para achar outra pista



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

No porto, eles encontraram a seguinte pista: “se um aratu entrar nesse labirinto é quase impossível sair, ao lado da casa de concha você pode me achar”. Esta casa de concha ficava bem próxima ao porto:

Figura 14: Crianças reunidas no porto para leitura de pista.



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

Do porto eles foram encaminhados para achar uma pista em uma ferramenta de pesca, o covo, que estava disposto ao lado de uma casa próxima ao porto, apesar de não ser a ferramenta que as marisqueiras utilizam em Siribinha para pescar o aratu, as crianças estão familiarizadas com essa maneira de pescar também e logo entenderam do que se tratava:

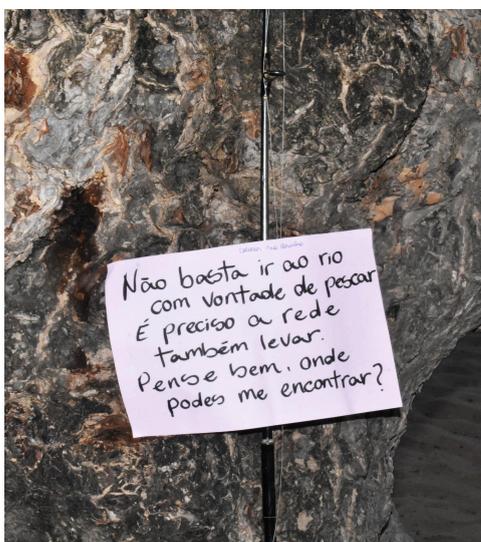
Figura 15: Pista do Covo.



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

Acharam a mensagem: “não é só de covão que aratu vai se enganar, em frente à escola você pode me encontrar”: A resposta desta pista é outra técnica de pesca, a mais utilizada pelas marisqueiras de Siribinha, a vara. Pedimos para Cátia deixar uma vara na frente da casa dela com a seguinte pista: "não basta ir ao rio com vontade de pescar, é preciso a rede também levar. Pense bem, onde podes me encontrar?":

Figura 16: Pista do Vara.



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

Já essa pista era sobre as redes utilizadas principalmente pelos homens para jogar no rio ou no mar. Há uma árvore na comunidade onde eles ficam reparando as redes. Buscávamos compreender se de fato este local tem um significado intrínseco com a prática de pesca com a rede e foi exatamente para onde as crianças nos guiaram. Da rede elas foram direcionadas ao parque: "como o escorrego do mar e o balanço das ondas, sou esse lugar pra brincar e ser criança" e do parque para a igreja: "sempre o rio soa quando a água leva, e sempre o sino toca quando a missa começa. Quem sou eu?".

A pista da igreja era a última e direcionava para a quadra onde supostamente estaria o tesouro: "agora eu quero ver, porque chegou a hora, vá até onde você pode jogar bola". Infelizmente, eles foram muito rápidos em

reconhecer as pistas e as pessoas que estavam ajudando não conseguiram levar o tesouro a tempo. Sendo assim, o tesouro foi trazido após a chegada das crianças.

Para o tesouro foi confeccionado um baiacu gigante, com o intuito de atender outra demanda do questionário, relativa a abordagem dos peixes e mariscos da região. O baiacu foi recheado com doces, simbolizando o jogo do quebra pote, mas como não estava pendurado foi difícil de quebrar e algumas crianças tentaram sair correndo com a maior parte dos doces, o que não era um problema, pois havia doces guardados e todos puderam provar as guloseimas, mas para uma próxima oportunidade é algo que pode ser trabalhado melhor.

Vivenciamos alguns erros de execução durante o processo que serviram de aprendizado para da próxima vez, pensarmos melhor sobre alguns aspectos. Acho que o maior deles foi, inicialmente, não ter sinalizado para as crianças que não era uma competição e sim uma brincadeira e que o tesouro seria compartilhado. Creio que não comunicamos de maneira adequada para que eles compreendessem que não precisavam correr e deixar os outros para trás, podíamos seguir todos juntos. Entretanto, isso já revela a presença de um “espírito” competitivo entre as crianças, o que pode ser aproveitado para futuras ações. Apesar disso, a diversão foi garantida:

Figura 17: Tesouro de baiacu.



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

Percebemos que brincar inserindo tais temas pode ter resultados positivos para abordagens relativas à memória e ao patrimônio. Após a ação, Inah Irenam teve a ideia de estender um papel de metro no chão para eles desenharem sobre o que haviam observado no dia. Isto é, o que era importante para eles, em relação a localidade e tivemos expressões muito significativas nesses desenhos. Surgiram árvores diversas, o mar, barcos, coqueiros, entre outros. Posteriormente, expusemos os desenhos na área central da comunidade:

Figuras 18 e 19: Expressões artísticas das crianças.



Fonte: Jéssica da Hora, 2022, reproduzida com permissão.

Foi observado também a curiosidade dos adultos em relação ao movimento das crianças que corriam de um lado para o outro. Mesmo eles não participando ativamente da brincadeira estavam observando e tentando compreender tudo o que estava acontecendo. Após a brincadeira, Inah Irenam, que além de graduanda em Museologia, é mestra em dança, realizou uma atividade nesse sentido para que as crianças liberassem energia. Isso motivou as crianças a ficarem por um longo período, interagindo com a gente, se divertindo, dançando e pintando.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidencia que envolver crianças em brincadeiras relacionadas ao patrimônio local se mostrou uma estratégia promissora para estimular o interesse e a participação, a interação e o diálogo com essa temática, é uma metodologia possível para fomentar diálogos mais complexos e possivelmente intergeracionais. Mas, com certeza, terão de ser cuidadosamente arquitetadas.

O jogo da memória em tamanho ampliado aplicado na escola destacou a receptividade das crianças a abordagens lúdicas, proporcionando uma experiência educativa rica em conexões e sentimentos de identificação com os temas abordados.

Contudo, ao levar as brincadeiras para as ruas, deparamo-nos com desafios que não apenas enriqueceram nossa compreensão, mas também indicaram aspectos que precisam ser melhor aprimorados. Os erros de execução, embora tenham apresentado obstáculos, foram valiosos pontos de aprendizado. A execução prática nas ruas ressaltou a importância de considerar cuidadosamente o ambiente e a logística, reforçando a necessidade de adaptação e refinamento para otimizar futuras iniciativas, por exemplo comunicar melhor sobre a natureza da brincadeira, se é competitiva ou coletiva.

Outro aspecto que podia ter sido melhorado é o local onde as crianças encontram o tesouro, um local mais afastado e não na praça central da comunidade, teria gerado melhores resultados, pois poderia ter sido instalado anteriormente e não ter gerado esse problema de não estar no lugar quando as crianças chegaram, além disso, percebemos que é possível sim misturar crianças de diferentes tamanhos, porém é necessário pensar melhor nas necessidades dos mais novos.

Este trabalho intenta ter cooperado com o início dos diálogos relativos ao patrimônio com as comunidades do Estuário do Itapicuru, a partir do engajamento das crianças nessas discussões e construções. Esperamos que a partir dos dados aqui apresentados haja a contribuição em futuras ações que vierem a

acontecer nas comunidades, tais como exposições, aulas andantes, atividades lúdicas e atividades educativas.

A perspectiva da sociomuseologia neste projeto tem a intenção de sugerir metodologias que funcionem no contexto social brasileiro que não serão as mesmas aplicadas em outros países e contextos. Nossa vontade é ajudar no fortalecimento de vínculos entre gerações e, em conjunto, definir o que permeia a existência de todas, o que gera o sentimento de pertencimento.

A perpetuação do diálogo sobre bens culturais é fundamental, especialmente quando pensamos nas mudanças sociais e econômicas que podem influenciar as tradições locais. Assim, este trabalho não é apenas um registro do presente, mas um convite para a construção colaborativa de um futuro que honre e celebre as singularidades do Estuário do Itapicuru.

REFERÊNCIAS

BONDIOLI, Ana Cristina Viglia, et al. **O Santuário Ecológico de Ilhabela como área marinha protegida a ser incorporada ao SNUC: panorama atual e próximos passos.** Desenvolvimento e meio ambiente Vol. 41,. DOI: 10.5380/dma.v41i0.49117, UFPR: 2017.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Waldisa Rússio e Tereza Scheiner - dois caminhos, um único objetivo: discutir museu e Museologia.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 no 2, Rio de Janeiro: 2011.

CASTRO, Sabrina Araujo; MARTINS, Luciana Conrado. **Inventário compartilhado sobre as ações educativas e culturais do Museu da Vila: Dados e conhecimento de uma pesquisa-ação.** Perspectivas em humanidades digitais v. 35 n. 1. Rio de Janeiro: 2022.

Conde. Wikipédia. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Conde_%28Bahia%29. Acesso em 01/10/2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

El-Hani, C. N. (2022). **Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes.** Investigações em Ensino de Ciências, 27(1), 01–38. <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2022v27n1p01>. Acesso em 28/12/2023.

FONSECA, Juliana de Oliveira. **Pescando mudanças”: embarcações, artes de pesca e educação intercultural na comunidade das Poças, Conde-BA.** Salvador: UFBA, 2021.

GUIA GEOGRÁFICO PRAIAS DA BAHIA. Disponível em:
<http://www.bahia-turismo.com/litoral-norte/conde/municipio.htm>. Acesso em: 01/10/2022.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Conheça as populações tradicionais residentes no interior da apa caiçu, representando as culturas caiçara, quilombola e indígena: cultura caiçara.** Sem data. Disponível em:

<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/atrativos-culturais.html?showall=1&limitstart=>. Acesso em: 25/10/2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. **Educação patrimonial: Inventários Participativos - Manual de Aplicação**. Texto de Sônia Rampim Florência et al. Brasília: Iphan, 2016.

LIMA, Guilherme. **Turismo e poder em lugares tradicionalmente habitados por Caiçaras: o caso do Bonete, Ilhabela, SP**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2015.

LIMA, Mônica Angelim Gomes de; et al. **Derramamento de óleo bruto na costa brasileira em 2019: emergência em saúde pública em questão**. Espaço temático: emergências em saúde pública em debate • Cad. Saúde Pública 36 (2): 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/RdpV54PDWjxktvSjhJRCvTP/?lang=pt#>. Acesso em: 10/09/2023.

MARETTI, Cláudio. **Atlas dos Manguezais do Brasil**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONDE. Disponível em: <https://www.conde.ba.gov.br/>. Acesso em 01/10/2022.

TEIXEIRA, Maria das Graças. **Ciranda, bola boneca, pipa, pião... Do chão da Ribeira ao mundo virtual**. Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1999.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. **Museologia social, turismo e ecomuseu: o caso da comunidade de Siribinha/Bahia/Brasil**. in: Museologia e Patrimônio - Volume 9. Instituto Politécnico de Leiria: 2023.

Tradicional Canoa Vencedora chega ao Parque Fazenda Engenho D'Água. Tudo em ilhabela, 2022. Disponível em: <https://ilhabela.tudoem.com.br/noticia/2022/04/1668/tradicional-canoa-vencedora-chega>. Acesso em: 30/10/2023.

UNESCO. **Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540e.pdf>. Acesso em 20/09/2023.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por objetivo identificar as relações dos moradores com Poças e Siribinha e as atividades culturais do interesse dessas comunidades.

1. Onde você nasceu?

2. Onde você mora?

Marcar apenas um local



Poças

Siribinha

Outro

3. Qual a sua idade?

4. Qual o seu sexo?

- Feminino
 Masculino
 Não informar

5. Qual a sua profissão?

Marque todas que se aplicam

- Estudante
 Marisqueira
 Pescador
 Dona de casa
 Professor
 Comerciante
 Outro: _____

6. Você gosta do local onde mora?

- Sim
 Mais ou menos
 Não

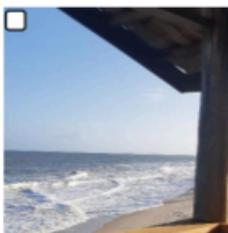
7. Justifique a resposta anterior:

8. O que você MAIS gosta ou considera importante no local onde mora?

9. O que você MENOS gosta no local onde mora?

10. Em relação ao lugar onde você vive, quais dessas opções você considera mais importantes e que deveriam ser mais estudadas?

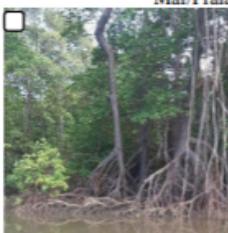
Marque todas que se aplicam



Mar/Praia



Rio



Mangue



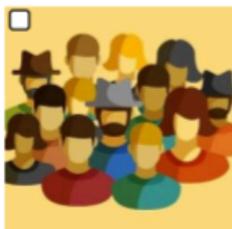
Árvores e plantas



Peixes e mariscos



Aves



História do local e das comunidades



História da pesca e das embarcações



Atividades comerciais (coleta do coco, venda do pescado, casas comerciais, etc...)

11. Você gosta da presença de turistas no lugar onde mora?

- Sim
 Mais ou menos
 Não

12. Justifique a resposta anterior:

13. Qual dessas atividades você gostaria que tivesse mais no local onde mora?

Marque todas que se aplicam

- Artesanato 🧶
 Canto 🎤
 Contação/ roda de história 🗨️
 Dança 💃
 Desenho/ Pintura 🎨
 Dobradura 🧺
 Escrita/ Poesia 📖
 Exposições 🖼️
 Filme/ cinema / Vídeo 🎬
 Fotografia 📷
 Jogos/ Brincadeiras 🎮
 Música 🎵 Teatro 🎭
 Cozinha comunitária 🍳
 Outro: _____

ANEXO II - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Pesquisa etnoecológica, educacional e de conservação e inovações pedagógicas em comunidades pesqueiras: Em busca da conservação ambiental e cultural

Pesquisador: Diego Fernando Valderrama Pérez

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 97380718.3.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Biologia

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.937.348

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto do Instituto de Biologia/UFBA e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo central do presente projeto é construir e investigar inovações didáticas para uso em escolas localizadas nas comunidades pesqueiras do Município de Conde-BA e em processos educacionais informais, dentro dos marcos teórico-metodológicos da pesquisa de design educacional, a partir dos achados de estudos etnográficos sobre conhecimentos e práticas de pescadores e marisqueiras, e visando promover o diálogo entre conhecimentos etnoecológicos locais e conhecimentos escolares.

Objetivos Secundários:

1) Investigar os conhecimentos etnoecológicos dos pescadores e das marisqueiras de comunidades tradicionais do Município do Conde, no litoral norte da Bahia, mais especificamente, os conhecimentos expressos em suas artes de pesca, sobre os materiais das quais são feitas, as condições ambientais que afetam seus usos, as espécies animais que são por elas capturadas e seus diversos modos de utilização, assim como a relevância histórica e sociocultural desses

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.937.348

conhecimentos na comunidade;

2) Construir e investigar inovações educacionais nas escolas locais, em colaboração com as professoras da escola, visando tornar visível e trabalhar com a percepção socioambiental dos estudantes que a frequentam, e os conhecimentos etnoecológicos dos pescadores e das marisqueiras locais;

3) Organizar exposição sobre artes de pesca e conhecimentos etnoecológicos para comunidade local e turistas a partir de um diálogo integrador de perspectivasêmicas e éticas, a partir da inovações educacionais implementadas nas escolas e de processos de musealização dos legados culturais locais;

4) Contribuir para a reflexão e possível ação das comunidades em relação à conservação cultural e ambiental, mediante a identificação consensual de demandas de conservação por elas mesmas, em diálogo com pesquisadores do projeto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa oferece riscos mínimos aos participantes e pesquisador se compromete a ter ações para minimiza-los e abrandar possíveis desconfortos.

Quanto aos benefícios;

Espera-se que este estudo traga informações importantes para a compreensão, o reconhecimento e o respeito, por parte de formuladores de políticas, pesquisadores acadêmicos, professores escolares e da comunidade em geral, da diversidade de discursos humanos sobre a natureza que existem nas comunidades pesqueiras de Conde-BA, e da necessidade de considerar e valorizar na aula de ciências, e em espaços de

representação pública local, estes distintos discursos, a partir de seus próprios critérios epistêmicos, e sem perder de vista a compreensão das ideias locais e escolares.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo de abordagem metodológica qualitativa, onde serão convidados professoras da educação básica, pescadores, marisqueiras e estudantes. A análise dos dados etnoecológicos envolverá a transcrição das entrevistas e sua análise categorial, com o desmembramento do texto dos transcritos em unidades de análise com base em critérios semânticos, ou seja, cada unidade deverá constar de uma mensagem única, tratando de

um tema bem identificado, podendo variar em tamanho. A análise categorial terá sua validade estabelecida por meio da análise por diferentes pesquisadores de modo independente e da discussão em grupo focal com os vários membros da equipe de pesquisa das interpretações feitas. A partir das categorias, será construída uma interpretação ética do conhecimento e da cognição

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.937.348

locais, a partir da recorrência de informações e concepções nas falas dos diferentes entrevistados, permitindo acessar o que é compartilhado pela comunidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apensados.

Recomendações:

Apresentar relatório parcial e final via Plataforma Brasil ao CEP. EEUFBA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugiro parecer de aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	cdvcharbel.pdf	20/09/2018 15:02:46	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Termo_Coleta_Apos_CEP.pdf	20/09/2018 13:35:10	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	campo.jpg	20/09/2018 13:34:19	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	SOLICITACAO_DE_SUBSTITUICAO_D O_PESQUISADOR_PRINCIPAL.pdf	20/09/2018 13:19:37	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Solicitacao_de_desconsideracao_de_ret irada_de_projeto_do_CEP.pdf	20/09/2018 13:19:15	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	confidencia.pdf	20/09/2018 13:17:56	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	SOLICITACAO_DE_CAMPO.pdf	20/09/2018 13:17:28	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Instrumentos_de_coleta_de_dados_Ago 2018.pdf	20/09/2018 13:05:00	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_do_pesquisad or.pdf	20/09/2018 12:55:13	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Folha_de_Rosto.jpg	20/09/2018 12:54:29	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	TERMO_DE_ORIENTACAO.pdf	20/09/2018 12:51:19	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Outros	Termos_de_consentimento_Jul_2018.pd f	20/09/2018 12:51:00	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	20/09/2018 12:50:10	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.937.348

Cronograma	cronograma.pdf	20/09/2018 12:49:44	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_SISNEP_Brochura_d o_investigador_Ago_2018.pdf	20/09/2018 12:20:29	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_906556.pdf	31/08/2018 10:48:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_SISNEP_Brochura_d o_investigador_Jul_2018.pdf	31/08/2018 10:48:02	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito
Outros	SOLICITACAO_DE_RETIRADA_DE_PR OJETO_CEP_ENFERMAGEM.pdf	31/08/2018 10:47:04	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	19/05/2018 09:20:51	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 04 de Outubro de 2018

Assinado por:
Maria Carolina Ortiz Whitaker
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação de Parecer: 0.037.040

Cronograma	cronograma.pdf	20/09/2018 12:49:44	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_SISNEP_Brochura_d o_investigador_Ago_2018.pdf	20/09/2018 12:20:29	Maria Carolina Ortiz Whitaker	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_P ROJETO_906556.pdf	31/08/2018 10:48:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_SISNEP_Brochura_d o_investigador_Jul_2018.pdf	31/08/2018 10:48:02	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito
Outros	SOLICITACAO_DE_RETIRADA_DE_PR OJETO_CEP_ENFERMAGEM.pdf	31/08/2018 10:47:04	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	19/05/2018 09:20:51	Diego Fernando Valderrama Pérez	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 04 de Outubro de 2018

[Assinatura]
Assinado por:
Maria Carolina Ortiz Whitaker
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7616 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br